



REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Editoração, administração e tipografia, Calçada do Comércio, 28-A, 2.
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Taliboa-Lisboa • Telefone 5330 C.
Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

Em defesa do Consumidor

Está constituída em Lisboa uma «União de Defesa dos Consumidores». Este título é já por si um programa. Procura-se efectivamente subtrair o consumo expoliado às garras dos mercantes que o tem vindo explorando desapiedadamente de há seis anos a esta parte.

Será porventura possível alcançar semelhante *desideratum*? Duma maneira absoluta, integral, é evidente que não. O comércio é essencialmente explorador, enquanto a sua vigência se prolongar a exploração há de exacerbar-se, tam intensamente quanto o permitem as circunstâncias e a passividade dos consumidores. É a exploração comercial, conjugada com a inactividade das castas privilegiadas, as que gastam sem produzir, que gera a carestia da vida. Só a destruição daquelas causas poderá destruir radicalmente este nefasto efeito. Contudo alguma causa se pode fazer e é necessário lançar mãos à obra urgentemente no sentido de advertir o comércio ganancioso que a população não está disposta a consentir por mais tempo as suas manobras, os seus assombraamentos, as suas traficâncias. Se não podemos aniquilar a carestia da vida antes de havermos removido do *fond en combat* as vigentes formas sociais, podemos pelo menos atenuá-la, impondo aos que negoceiam um pouco de comedimento e forçando o governo a uma mais honesta e acertada orientação política.

Supomos que são estes os intuições da «União de Defesa dos Consumidores», e por isso aqui damos a esse organismo todo o nosso aplauso, com a promessa da nossa coadjuvação. Torna-se absoluamente necessário um grande movimento nacional de resistência, interessando todos os consumidores. Se não fizermos, se nos conservarmos nesta passividade em que nos temos mantido, limitando a expressão do nosso descontentamento a queixumes isolados, jermiadas estéreis de que os especuladores mofam, veremos agravada, ainda mais e sempre, a nossa situação já horríbilante.

A «União de Defesa dos Consumidores» acaba de publicar um manifesto, que é talvez o inicio do movimento de resistência que pretende levar a efeito. Nesse documento

4.—A manifestarem, fora de quaisquer intuições políticas, o seu apoio às medidas ou actos oficiais que tendam a defender os consumidores e o seu protesto contra aqueles que favorejam a especulação.

Está realmente consignado nestes números o que de essencial importa fazer no actual momento. É preciso trazer para a luz estes assombrações que até agora tem permanecido nas trevas, onde a complacência dos governos os tem deixado estar, fazendo com ripasso a lauta digestão do gran-

bolo arrancado à fome do povo. É necessário promover um aumento de produção, o que se consegue pondo em actividade os milhares de ociosos que o governo remunerou, e que, sem nada fazerem, vão roubadamente à nação somas avultadíssimas. É preciso equilibrar um pouco a economia nacio-

nal, para que não continuemos, como até aqui, a viver parásitamente à custa da importação, como um país de madragos que se não basta sob nenhum ponto de vista.

No respeitante a plano de ação, a União diz que reclamará do parlamento e do governo:

4.—Medidas energicas tendentes a desenvolver a produção nacional, indo à imposição do trabalho útil, obrigatorio para todas as pessoas validas dum e dentro de sexo;

2.—Repressão das profissões morais e inutiles, e muito especialmente o jogos, a prostituição e o desenvolvimento das tabernas;

3.—Ensino de direitos alhândegários para todos os géneros e produtos das primeiras necessidades e forte tributação para os objectos de luxo ou ostentação;

4.—Concessão de todas as facilidades para a constituição de sociedades cooperativas e de um fundo auxiliado para o crédito cooperativista, como tem feito outros países;

5.—Que sejam declarados por lei incompatíveis as funções de ministro, deputado, senador, director geral, com as de administrador, advogado ou procurador dos sindicatos de negócios.

Apresentamos salientar o primeiro destes números, o que reclama o aumento da produção nacional pela obrigatoriedade do trabalho útil para todas as pessoas validas. Apresentando-o, mostra a «União de Defesa dos Consumidores» ter atingido completamente a raiz do mal que nos corrói. Muito bem. E sobretudo a deficiência de produção que nos empobrece de dia para dia e nos impõe para a irremissível perdição. Não conseguiremos modificar a situação do país sem termos primeiramente arrancado dos seus nichos, a bem ou a mal, esses que não trabalham porque não querem, e constituem uma legião. E o princípio basilares dos sóviets uma vez mais reconhecido: «Quem não trabalha não come». E, admitida a justezza de tal princípio, é possível que consigamos nós implantá-lo às boas, ou tornar-se há necessário fazer a revolução para fazer girar nos eixos o movimento das sociedades?

Apresentamos salientar o primeiro destes números, o que reclama o aumento da produção nacional pela obrigatoriedade do trabalho útil para todas as pessoas validas. Apresentando-o, mostra a «União de Defesa dos Consumidores» ter atingido completamente a raiz do mal que nos corrói. Muito bem. E sobretudo a deficiência de produ-

ção que nos empobrece de dia para dia e nos impõe para a irremissível perdição. Não conseguiremos modificar a situação do país sem termos primeiramente arrancado dos seus nichos, a bem ou a mal, esses que não trabalham porque não querem, e constituem uma legião. E o princípio basilares dos sóviets uma vez mais reconhecido: «Quem não trabalha não come». E, admitida a justezza de tal princípio, é possível que consigamos nós implantá-lo às boas, ou tornar-se há necessário fazer a revolução para fazer girar nos eixos o movimento das sociedades?

Apresentamos salientar o primeiro destes números, o que reclama o aumento da produção nacional pela obrigatoriedade do trabalho útil para todas as pessoas validas. Apresentando-o, mostra a «União de Defesa dos Consumidores» ter atingido completamente a raiz do mal que nos corrói. Muito bem. E sobretudo a deficiência de produ-

ção que nos empobrece de dia para dia e nos impõe para a irremissível perdição. Não conseguiremos modificar a situação do país sem termos primeiramente arrancado dos seus nichos, a bem ou a mal, esses que não trabalham porque não querem, e constituem uma legião. E o princípio basilares dos sóviets uma vez mais reconhecido: «Quem não trabalha não come». E, admitida a justezza de tal princípio, é possível que consigamos nós implantá-lo às boas, ou tornar-se há necessário fazer a revolução para fazer girar nos eixos o movimento das sociedades?

Apresentamos salientar o primeiro destes números, o que reclama o aumento da produção nacional pela obrigatoriedade do trabalho útil para todas as pessoas validas. Apresentando-o, mostra a «União de Defesa dos Consumidores» ter atingido completamente a raiz do mal que nos corrói. Muito bem. E sobretudo a deficiência de produ-

ção que nos empobrece de dia para dia e nos impõe para a irremissível perdição. Não conseguiremos modificar a situação do país sem termos primeiramente arrancado dos seus nichos, a bem ou a mal, esses que não trabalham porque não querem, e constituem uma legião. E o princípio basilares dos sóviets uma vez mais reconhecido: «Quem não trabalha não come». E, admitida a justezza de tal princípio, é possível que consigamos nós implantá-lo às boas, ou tornar-se há necessário fazer a revolução para fazer girar nos eixos o movimento das sociedades?

Apresentamos salientar o primeiro destes números, o que reclama o aumento da produção nacional pela obrigatoriedade do trabalho útil para todas as pessoas validas. Apresentando-o, mostra a «União de Defesa dos Consumidores» ter atingido completamente a raiz do mal que nos corrói. Muito bem. E sobretudo a deficiência de produ-

ção que nos empobrece de dia para dia e nos impõe para a irremissível perdição. Não conseguiremos modificar a situação do país sem termos primeiramente arrancado dos seus nichos, a bem ou a mal, esses que não trabalham porque não querem, e constituem uma legião. E o princípio basilares dos sóviets uma vez mais reconhecido: «Quem não trabalha não come». E, admitida a justezza de tal princípio, é possível que consigamos nós implantá-lo às boas, ou tornar-se há necessário fazer a revolução para fazer girar nos eixos o movimento das sociedades?

Apresentamos salientar o primeiro destes números, o que reclama o aumento da produção nacional pela obrigatoriedade do trabalho útil para todas as pessoas validas. Apresentando-o, mostra a «União de Defesa dos Consumidores» ter atingido completamente a raiz do mal que nos corrói. Muito bem. E sobretudo a deficiência de produ-

ção que nos empobrece de dia para dia e nos impõe para a irremissível perdição. Não conseguiremos modificar a situação do país sem termos primeiramente arrancado dos seus nichos, a bem ou a mal, esses que não trabalham porque não querem, e constituem uma legião. E o princípio basilares dos sóviets uma vez mais reconhecido: «Quem não trabalha não come». E, admitida a justezza de tal princípio, é possível que consigamos nós implantá-lo às boas, ou tornar-se há necessário fazer a revolução para fazer girar nos eixos o movimento das sociedades?

Apresentamos salientar o primeiro destes números, o que reclama o aumento da produção nacional pela obrigatoriedade do trabalho útil para todas as pessoas validas. Apresentando-o, mostra a «União de Defesa dos Consumidores» ter atingido completamente a raiz do mal que nos corrói. Muito bem. E sobretudo a deficiência de produ-

ção que nos empobrece de dia para dia e nos impõe para a irremissível perdição. Não conseguiremos modificar a situação do país sem termos primeiramente arrancado dos seus nichos, a bem ou a mal, esses que não trabalham porque não querem, e constituem uma legião. E o princípio basilares dos sóviets uma vez mais reconhecido: «Quem não trabalha não come». E, admitida a justezza de tal princípio, é possível que consigamos nós implantá-lo às boas, ou tornar-se há necessário fazer a revolução para fazer girar nos eixos o movimento das sociedades?

Apresentamos salientar o primeiro destes números, o que reclama o aumento da produção nacional pela obrigatoriedade do trabalho útil para todas as pessoas validas. Apresentando-o, mostra a «União de Defesa dos Consumidores» ter atingido completamente a raiz do mal que nos corrói. Muito bem. E sobretudo a deficiência de produ-

ção que nos empobrece de dia para dia e nos impõe para a irremissível perdição. Não conseguiremos modificar a situação do país sem termos primeiramente arrancado dos seus nichos, a bem ou a mal, esses que não trabalham porque não querem, e constituem uma legião. E o princípio basilares dos sóviets uma vez mais reconhecido: «Quem não trabalha não come». E, admitida a justezza de tal princípio, é possível que consigamos nós implantá-lo às boas, ou tornar-se há necessário fazer a revolução para fazer girar nos eixos o movimento das sociedades?

Apresentamos salientar o primeiro destes números, o que reclama o aumento da produção nacional pela obrigatoriedade do trabalho útil para todas as pessoas validas. Apresentando-o, mostra a «União de Defesa dos Consumidores» ter atingido completamente a raiz do mal que nos corrói. Muito bem. E sobretudo a deficiência de produ-

ção que nos empobrece de dia para dia e nos impõe para a irremissível perdição. Não conseguiremos modificar a situação do país sem termos primeiramente arrancado dos seus nichos, a bem ou a mal, esses que não trabalham porque não querem, e constituem uma legião. E o princípio basilares dos sóviets uma vez mais reconhecido: «Quem não trabalha não come». E, admitida a justezza de tal princípio, é possível que consigamos nós implantá-lo às boas, ou tornar-se há necessário fazer a revolução para fazer girar nos eixos o movimento das sociedades?

Apresentamos salientar o primeiro destes números, o que reclama o aumento da produção nacional pela obrigatoriedade do trabalho útil para todas as pessoas validas. Apresentando-o, mostra a «União de Defesa dos Consumidores» ter atingido completamente a raiz do mal que nos corrói. Muito bem. E sobretudo a deficiência de produ-

ção que nos empobrece de dia para dia e nos impõe para a irremissível perdição. Não conseguiremos modificar a situação do país sem termos primeiramente arrancado dos seus nichos, a bem ou a mal, esses que não trabalham porque não querem, e constituem uma legião. E o princípio basilares dos sóviets uma vez mais reconhecido: «Quem não trabalha não come». E, admitida a justezza de tal princípio, é possível que consigamos nós implantá-lo às boas, ou tornar-se há necessário fazer a revolução para fazer girar nos eixos o movimento das sociedades?

Apresentamos salientar o primeiro destes números, o que reclama o aumento da produção nacional pela obrigatoriedade do trabalho útil para todas as pessoas validas. Apresentando-o, mostra a «União de Defesa dos Consumidores» ter atingido completamente a raiz do mal que nos corrói. Muito bem. E sobretudo a deficiência de produ-

ção que nos empobrece de dia para dia e nos impõe para a irremissível perdição. Não conseguiremos modificar a situação do país sem termos primeiramente arrancado dos seus nichos, a bem ou a mal, esses que não trabalham porque não querem, e constituem uma legião. E o princípio basilares dos sóviets uma vez mais reconhecido: «Quem não trabalha não come». E, admitida a justezza de tal princípio, é possível que consigamos nós implantá-lo às boas, ou tornar-se há necessário fazer a revolução para fazer girar nos eixos o movimento das sociedades?

Apresentamos salientar o primeiro destes números, o que reclama o aumento da produção nacional pela obrigatoriedade do trabalho útil para todas as pessoas validas. Apresentando-o, mostra a «União de Defesa dos Consumidores» ter atingido completamente a raiz do mal que nos corrói. Muito bem. E sobretudo a deficiência de produ-

ção que nos empobrece de dia para dia e nos impõe para a irremissível perdição. Não conseguiremos modificar a situação do país sem termos primeiramente arrancado dos seus nichos, a bem ou a mal, esses que não trabalham porque não querem, e constituem uma legião. E o princípio basilares dos sóviets uma vez mais reconhecido: «Quem não trabalha não come». E, admitida a justezza de tal princípio, é possível que consigamos nós implantá-lo às boas, ou tornar-se há necessário fazer a revolução para fazer girar nos eixos o movimento das sociedades?

Apresentamos salientar o primeiro destes números, o que reclama o aumento da produção nacional pela obrigatoriedade do trabalho útil para todas as pessoas validas. Apresentando-o, mostra a «União de Defesa dos Consumidores» ter atingido completamente a raiz do mal que nos corrói. Muito bem. E sobretudo a deficiência de produ-

ção que nos empobrece de dia para dia e nos impõe para a irremissível perdição. Não conseguiremos modificar a situação do país sem termos primeiramente arrancado dos seus nichos, a bem ou a mal, esses que não trabalham porque não querem, e constituem uma legião. E o princípio basilares dos sóviets uma vez mais reconhecido: «Quem não trabalha não come». E, admitida a justezza de tal princípio, é possível que consigamos nós implantá-lo às boas, ou tornar-se há necessário fazer a revolução para fazer girar nos eixos o movimento das sociedades?

Apresentamos salientar o primeiro destes números, o que reclama o aumento da produção nacional pela obrigatoriedade do trabalho útil para todas as pessoas validas. Apresentando-o, mostra a «União de Defesa dos Consumidores» ter atingido completamente a raiz do mal que nos corrói. Muito bem. E sobretudo a deficiência de produ-

ção que nos empobrece de dia para dia e nos impõe para a irremissível perdição. Não conseguiremos modificar a situação do país sem termos primeiramente arrancado dos seus nichos, a bem ou a mal, esses que não trabalham porque não querem, e constituem uma legião. E o princípio basilares dos sóviets uma vez mais reconhecido: «Quem não trabalha não come». E, admitida a justezza de tal princípio, é possível que consigamos nós implantá-lo às boas, ou tornar-se há necessário fazer a revolução para fazer girar nos eixos o movimento das sociedades?

Apresentamos salientar o primeiro destes números, o que reclama o aumento da produção nacional pela obrigatoriedade do trabalho útil para todas as pessoas validas. Apresentando-o, mostra a «União de Defesa dos Consumidores» ter atingido completamente a raiz do mal que nos corrói. Muito bem. E sobretudo a deficiência de produ-

ção que nos empobrece de dia para dia e nos impõe para a irremissível perdição. Não conseguiremos modificar a situação do país sem termos primeiramente arrancado dos seus nichos, a bem ou a mal, esses que não trabalham porque não querem, e constituem uma legião. E o princípio basilares dos sóviets uma vez mais reconhecido: «Quem não trabalha não come». E, admitida a justezza de tal princípio, é possível que consigamos nós implantá-lo às boas, ou tornar-se há necessário fazer a revolução para fazer girar nos eixos o movimento das sociedades?

Apresentamos salientar o primeiro destes números, o que reclama o aumento da produção nacional pela obrigatoriedade do trabalho útil para todas as pessoas validas. Apresentando-o, mostra a «União de Defesa dos Consumidores» ter atingido completamente a raiz do mal que nos corrói. Muito bem. E sobretudo a deficiência de produ-

ção que nos empobrece de dia para dia e nos impõe para a irremissível perdição. Não conseguiremos modificar a situação do país sem termos primeiramente arrancado dos seus nichos, a bem ou a mal, esses que não trabalham porque não querem, e constituem uma legião. E o princípio basilares dos sóviets uma vez mais reconhecido: «Quem não trabalha não come». E, admitida a justezza de tal princípio, é possível que consigamos nós implantá-lo às boas, ou tornar-se há necessário fazer a revolução para fazer girar nos eixos o movimento das sociedades?

Apresentamos salientar o primeiro destes números, o que reclama o aumento da produção nacional pela obrigatoriedade do trabalho útil para todas as pessoas validas. Apresentando-o, mostra a «União de Defesa dos Consumidores» ter atingido completamente a raiz do mal que nos corrói. Muito bem. E sobretudo a deficiência de produ-

ção que nos empobrece de dia para dia e nos impõe para a irremissível perdição. Não conseguiremos modificar a situação do país sem termos primeiramente arrancado dos seus nichos, a bem ou a mal, esses que não trabalham porque não querem, e constituem uma legião. E o princípio basilares dos sóviets uma vez mais reconhecido: «Quem não trabalha não come». E, admitida a justezza de tal princípio, é possível que consigamos nós implantá-lo às boas, ou tornar-se há necessário fazer a revolução para fazer girar nos eixos o movimento das sociedades?

Apresentamos salientar o primeiro destes números, o que reclama o aumento da produção nacional pela obrigatoriedade do trabalho útil para todas as pessoas validas. Apresentando-o, mostra a «União de Defesa dos Consumidores» ter atingido completamente a raiz do mal que nos corrói. Muito bem. E sobretudo a deficiência de produ-

ção que nos empobrece de dia para dia e nos impõe para a irremissível perdição. Não conseguiremos modificar a situação do país sem termos primeiramente arrancado dos seus nichos, a bem ou a mal, esses que não trabalham porque não querem, e constituem uma legião. E o princípio basilares dos sóviets uma vez mais reconhecido: «Quem não trabalha não come». E, admitida a justezza de tal princípio, é possível que consigamos nós implantá-lo às boas, ou tornar-se há necessário fazer a revolução para fazer girar nos eixos o movimento das sociedades?

Apresentamos salientar o primeiro destes números, o que reclama o aumento da produção nacional pela obrigatoriedade do trabalho útil para todas as pessoas validas. Apresentando-o, mostra a «União de Defesa dos Consumidores» ter atingido completamente a raiz do mal que nos corrói. Muito bem. E sobretudo a deficiência de produ-

ção que nos empobrece de dia para dia e nos impõe para a irremissível perdição. Não conseguiremos modificar a situação do país sem termos primeiramente arrancado dos seus nichos, a bem ou a mal, esses que não trabalham porque não querem, e constituem uma legião. E o princípio basilares dos sóviets uma vez mais reconhecido: «Quem não trabalha não come». E, admitida a justezza de tal princípio, é possível que consigamos nós implantá-lo às boas, ou tornar-se há necessário fazer a revolução para fazer girar nos eixos o movimento das sociedades?

Apresentamos salientar o primeiro destes números, o que reclama o aumento da produção nacional pela obrigatoriedade do trabalho útil para todas as pessoas validas. Apresentando-o, mostra a «União de Defesa dos Consumidores» ter atingido completamente a raiz do mal que nos corrói. Muito bem. E sobretudo a deficiência de produ-

ção que nos empobrece de dia para dia e nos impõe para a irremissível perdição. Não conseguiremos modificar a situação do país sem termos primeiramente arrancado dos seus nichos, a bem ou a mal, esses que não trabalham porque não querem, e constituem uma legião. E o princípio basilares

EDEN-TEATRO
HOJE--A maravilhosa revista-HOJE

A BATALHA

Diário sindicalista

4-4-921

O COMUNISMO NOS TRIBUNAIS

O julgamento dos dez

Uma tentativa da reacção francesa miseravelmente falida

Em quanto trabalhei nas oficinas, convenci a maioria dos meus camaradas e eles aceitaram as minhas ideias. Delegaram em mim, para um congresso onde se reuniram representantes de 300 sindicatos ferroviários. E' evidente que neste congresso procurarei reflectir a opinião dos que em mim tinham delegado. Desempenhei assim a missão de quem é encarregado. Se é necessário que um homem assuma aqui responsabilidades por ter interpretado os sentimentos da massa trabalhadora, assumo-as em bom grado.

O presidente Drioux fala depois do congresso da III Internacional e passa à exposição das teses comunistas e dos 21 pontos aceitos no congresso de Tours, quando já os acusados contavam muitos meses de prisão. Monatte intervém:

Sr. presidente. Esperávamos que, depois dos esclarecimentos necessários para seguir-se os debates ulteriores do interrogatório, fossem apresentados factos concretos relativos ao *complot*. Há dez meses que estamos em presença dumha acusação de *complot* contra a segurança do Estado. Ainda nós não apresentaramos um facto, uma informação precisa de *complot*. Estamos em presença dum processo de doutrina. Ora uma doutrina não é um *complot*. Parece-me que num regime que se diz ou se supõe republicano há uma demarcação bem nítida a estabelecer entre uma opinião e um *complot*, entre conspiração e a afirmação dum ideal.

Extranho bastante que venham incutir-nos de adesão à III Internacional. Essa adesão reivindica-a eu. Quando

fui desmobilizado, assim que me livrei da lama das trincheiras, dei logo a minha adesão à III Internacional. Reivindico-a aqui.

Monatte alude aos manejos de agentes policiais que apareceram nos meios operários a incitar os jovens à prática de actos revolucionários fornecendo-lhes armas. E conclui:

Não supomos que a hora das conspirações tenha chegado para a nossa história. Não temos nenhuma revolução política a fazer. Há um certo número de insurreições na história da República francesa, insurreições de que se honra e que constituem os seus fundamentos. Parece que aqui, nos dois últimos dias, se tem vergonha de ser-se revolucionário. O sr. presidente é italiano nesse lugar se não tivesse havido em França toda uma série de revoluções. Se a burguesia tem hoje vergonha de considerar-se revolucionária, a classe trabalhadora sabe que só a Revolução a pode salvar e para a alcançar segue-se um caminho que já a própria burguesia trilhou.

Sr. presidente. — Há grandes diferenças entre as revoluções a que o senhor alude e a que é preconizada pela III Internacional.

M. Cohen. — Bem sei; é que as outras estão feitas e essa está ainda por fazer.

O presidente. — Essa pensou que conseguimos fazê-la talhar.

Monatte. — Quando a classe burguesa fez a sua revolução com o sangue da classe operária, voltou-se contra esta. Fez a revolução em seu exclusivo benefício esquecendo tudo quanto invocava, todos os princípios que davam teito a sua força. Por seu lado, a classe operária entende que deve prosseguir, acabar essa revolução que está apenas iniciada. O que nós fizemos foi uma luta de opiniões, uma luta de classes. Mas esta luta não é a obra de alguns homens, mas dumha grande classe que representa os seus próprios interesses e os interesses da civilização.

O presidente. — Os interesses da civilização? Esse ponto é muito discutível.

Monatte. — Quando a civilização se traduz pelo luto de 1.700.000 viúvas e por vinte milhões de mortes na Europa, ninguém tem o direito de orgulhar-se dela. A civilização somos nós hoje os seus defensores, atacados e perseguidos pelo vosso regime.

O presidente. — O senhor entende que a guerra civil se deve suceder à guerra entre nações.

Monatte. — Os que aproveitaram com as revoluções de 1789, 1830 e 1848 não podem acusar-nos de causa nenhuma, nada nos podem lançar em rosto.

O presidente. pouco satisfeito, muda de assunto e pregunta a Monatte se

aceita as declarações do manifesto comunista. A resposta é afirmativa.

O julgamento continua que, em seu parecer, essa adesão basta para constituir o *complot*, visto que a III Internacional quer realizar o socialismo.

Monatte. — Então em França uma organização de revolucionários constitui um *complot*? Supunha que depois da abrogação da lei Dufaure, contra a Internacional essa tese era juridicamente inconstitucional.

Souvarine. — Sou aderente à III Internacional. Nunca procurei ocultar é-se facto. Fiz ao contrário o mais que pude para propagar as ideias da III Internacional e para aumentar o número dos seus adeptos. Mas o que me espanta é que sejamos perseguidos desde quando há em França centenas de milhares de *comploteurs* como nós, se é que somos membro da III Internacional é o mesmo que fazer parte dum *complot*.

A objecção que Monatte formulava há pouco também eu a apresento. Não posso compreender que se tenham escondido arbitrariamente dez acusados para responderem pelas ideias e pelos actos de centenas de milhares de pessoas.

Souvarine explica seguidamente que a III Internacional não tem a pretensão de ter criado qualquer causa nova. Ela continua a obra das duas organizações que a precederam.

Loriot lembra que, desde 1901, tem no bolso uma carta do partido socialista, onde pode ler:

“O partido socialista não é um partido de entendimento de classes, um partido de reformas; mas um partido de luta de classes e de revolução.”

Nunca o perseguiu por ter aderido ao partido socialista. E aquela carta foi assinada por Aristide Briand. Hoje fazem disso um *complot*. Foi detida uma dezena de camaradas ao acaso; não se cordeiam, mas isso não importa: avarar relações na cadeia da Sané e serem julgados por um crime contra a segurança do Estado. Enigmática, Loriot termina:

— Aceito altivamente as minhas responsabilidades, sem vã declamação, sem intenção provocadora; reivindico altivamente o título de revolucionário e comunista. Reivindico-o como a maior conquista feita não só sobre os meus semelhantes mas sobre mim próprio. Não reivindico este título como qualquer coisa de imprevisto, segundo os jornais frequentemente dizem: o homem irritado, vítima de infidelidades, por desejo de vingança, por ódio à sociedade actual. Nem eu nem nenhum dos meus camaradas é comunista e revolucionário nesse sentido. Foi em consequência dum luta tenaz contra nós próprios, contra a nossa ignorância, o

nosso egoísmo, a nossa cobardia, foi depois destas conquistas sucessivas sobre nós próprios que nos tornámos comunistas e revolucionários. Reivindico altivamente este título. Se se trata dum crime, os senhores o julgarão. Mas se virem, como esperamos, que nós apenas usámos os nossos direitos, mais, que cumprimos o nosso dever de homens, o dever do homem que pensa, que tem ideias justas e generosas, e que julga dever expô-las, embora prejudique os seus interesses, julguem-nos em consequência. O nosso interesse estava em calar-nos. Eu, era fisionómico, em vésperas de reforma. Estava tranquilo e vivia feliz com os meus cinco filhos. O meu interesse dizia-me que me calasse. Mas vi, em minha consciência, que não tinha o direito de proceder assim, apesar das consequências que pudesssem resultar para mim. Abri portanto a boca e foi por ter cumprido este dever que me trouxeram aqui.

Chega a vez de Monnousseau. Ele é ferroviário, foi preso durante a greve ferroviária, foi preso durante a greve ferroviária, foi preso durante a greve ferroviária. Falei-lhe depois da greve ferroviária. Não é tal secretário do comité da III Internacional. Era secretário da greve ferroviária quando a greve Mai se declarou.

(Continua).

A BATALHA NO PORTO

Uma interessante conferência de Cristiano de Carvalho sobre a Comuna de Paris

PORTO, 29.—A convite do grupo republicano "A Nau Catrina", efectuada uma conferência, pelas 21 horas, sucedendo ao tema: "A Comuna, o nosso camarada Cristiano de Carvalho". Feita a pragmática apresentação por um membro do referido grupo, o conferente principiou por dizer que, à primeira vista e aos olhos dos espíritos sécarios, parecia deslocado do seu lugar, caindo numa flagrante contradição em consequência da tese que vai desenvolver; no entanto, essa tese interessa a todos quantos se encontram presentes, num momento em que se enfrecham as ideias mais libertárias com os princípios mais retrógrados. A Comuna de Paris caracteriza essas duas correntes, tanto no seu idealismo, como nas suas consequências. Convém olhar retrospectivamente para os acontecimentos anteriores à data de 18 de Março.

Esmuçando-se em diferentes períodos históricos, o nosso amigo, vendar ao célebre golpe de estado de Napoleão III, o príncipe-presidente, basado no princípio de todos os golpes orientados na fórmula militarista. Depois de se referir ao golpe de estado de 2 de Novembro e ao Termodrón, afirma com argumentação irrefragável, que se não fossem os robespierristas, os Caets e os Bonapartes, o trono permaneceria intacto. Falando de Babeuf, das suas teorias revolucionárias e dos sacrifícios dos seus partidários, salienta a incapacidade dos tribunais para os condenar, por lhes faltar a devida moralidade. E' então que comeca Thiers a revelar-se nessa fase histórica, precisa mente quando o proletariado de Paris manifestava as suas tendências para o verdadeiro progresso das ideias. Thiers, vendo o perigo desta explosão ideal, parece a defender as classes dominantes, fazendo todo a sorte de macaqueções quando, fechadas as oficinas nacionais, o povo reclamava o cumprimento das promessas feitas.

A reação não quis ouvir os protestos, as queixas e as reclamações da multidão proletária arremessada violentemente para a chômage, e das as repressões. Quando surgiu o golpe de Estado, Thiers que estava marchando do sanguine de outras prepotências, desfez em considerações para o príncipe-presidente, pronto-ficando a dirigir uma marcha. Aludi, a seguir, ao conciliabulo de Roma, de onde saiu o Syabus de Pio IX, e ao protesto do abade de Artois, que, representando a igreja galateia, defendeu todas as regalias da igreja francesa, apesar disto não o aplaudiu. Historiando as manigâncias de Napoleão III, que provocaram a guerra de 70, depois de Lebeuf, embórdiamente, declarar que ao exército francês não faltava um único botão querendo assim demonstrar que ele estava apto a conquistar o mundo inteiro — esclarece a covardia dos generais que, juntamente com os prussianos, vitimaram depois massacrar o povo, para o que não era preciso grande estratégia. As resultantes, após o cerco dos 7 meses, os sacrifícios do operariado, a fome, as traições, etc., trouxeram a Comuna, num momento em que a população herética cheia de privações e de dôres, se indignou por saber que em Bordeaux se transfigurava, a todo o preço. E' certo que a França rural estava farta de sofrimentos e de devastações; porém, por detrás de tudo isto, estava um outro objectivo: o terminar com a revolução de Paris.

Thiers ganhou mas a França perdeu, os fugitivos só hodiando massas levaram consigo o segredo das indústrias francesas, que até ali não eram conhecidas nos outros países. Mais tarde, na exposição internacional de 1878, elas apareceram sob o rótulo de outras nações.

O conferente, salientando a grande transformação social que se vai realizando na Rússia, afirma que apesar de tudo não se deixe influenciar totalmente por essa Revolução. Deseja-a mais intensa e extensa no significado liberal. Quanto menos possibilidades centralizadoras, melhor será para a humanidade. A medida que o Estado mais for perdendo a sua acção centralista e subjugadora, mais o valor produtivo se accentuará, posto que o campo das iniciativas estará amplamente aberto a todas as vontades. E' industrial, que outrora exaltou os homens da Comuna, antigo socialista e propagandista da greve geral, e hoje presidente da República, propõe este ano a romagem de todos os vencidos da Comuna, que, apesar de tudo, ela foi impetuosa.

Cristiano de Carvalho foi aplaudidíssimo por toda a assistência. — C.

PAZ ARMADA

Renovada e actualizada

Diário sindicalista

La Burlandi

A mais notável cançã netista-A GRANDE VOZ

fui desmobilizado, assim que me livrei da lama das trincheiras, dei logo a minha adesão à III Internacional. Reivindico-a aqui.

Monatte alude aos manejos de agentes policiais que apareceram nos meios operários a incitar os jovens à prática de actos revolucionários fornecendo-lhes armas. E conclui:

Não supomos que a hora das conspirações tenha chegado para a nossa história. Não temos nenhuma revolução política a fazer. Há um certo número de insurreições na história da República francesa, insurreições de que se honra e que constituem os seus fundamentos. Parece que aqui, nos dois últimos dias, se tem vergonha de ser-se revolucionário. O sr. presidente é italiano nesse lugar se não tivesse havido em França toda uma série de revoluções. Se a burguesia tem hoje vergonha de considerar-se revolucionária, a classe trabalhadora sabe que só a Revolução a pode salvar e para a alcançar segue-se um caminho que já a própria burguesia trilhou.

Sr. presidente. — Há grandes diferenças entre as revoluções a que o senhor alude e a que é preconizada pela III Internacional.

M. Cohen. — Bem sei; é que as outras estão feitas e essa está ainda por fazer.

O presidente. — Essa pensou que conseguimos fazê-la talhar.

Monatte. — Quando a classe burguesa fez a sua revolução com o sangue da classe operária, voltou-se contra esta.

Fez a revolução em seu exclusivo benefício esquecendo tudo quanto invocava, todos os princípios que davam teito a sua força. Por seu lado, a classe operária entende que deve prosseguir, acabar essa revolução que está apenas iniciada.

O que nós fizemos foi uma luta de opiniões, uma luta de classes. Mas esta luta não é a obra de alguns homens, mas dumha grande classe que representa os seus próprios interesses e os interesses da civilização.

O presidente. — Os interesses da civilização? Esse ponto é muito discutível.

Monatte. — Quando a civilização se traduz pelo luto de 1.700.000 viúvas e por vinte milhões de mortes na Europa, ninguém tem o direito de orgulhar-se dela.

A civilização somos nós hoje os seus defensores, atacados e perseguidos pelo vosso regime.

O presidente. — O senhor entende que a guerra civil se deve suceder à guerra entre nações.

Monatte. — Os que aproveitaram com as revoluções de 1789, 1830 e 1848 não podem acusar-nos de causa nenhuma, nada nos podem lançar em rosto.

O presidente. pouco satisfeito, muda de assunto e pregunta a Monatte se

aceita as declarações do manifesto comunista. A resposta é afirmativa.

O julgamento continua que, em seu parecer, essa adesão basta para constituir o *complot*, visto que a III Internacional quer realizar o socialismo.

Monatte. — Então em França uma organização de revolucionários constitui um *complot*? Supunha que depois da abrogação da lei Dufaure, contra a

International essa tese era juridicamente inconstitucional.

Loriot lembra que, desde 1901, tem no bolso uma carta do partido socialista,

onde pode ler:

“O partido socialista não é um partido de entendimento de classes, um partido de reformas; mas um partido de luta de classes e de revolução.”

Nunca o perseguiu por ter aderido ao partido socialista. E aquela carta foi assinada por Aristide Briand. Hoje fazem disso um *complot*. Foi detida uma dezena de camaradas ao acaso;

não se cordeiam, mas isso não importa: avarar relações na cadeia da Sané e serem julgados por um crime contra a

segurança do Estado. Enigmática, Loriot termina:

— Aceito altivamente as minhas responsabilidades, sem vã declamação, sem intenção provocadora; reivindico altivamente o título de revolucionário e comunista. Reivindico-o como a maior conquista feita não só sobre os meus semelhantes mas sobre mim próprio.

Não reivindico este título como qualquer coisa de imprevisto, segundo os jornais frequentemente dizem: o homem irritado, vítima de infidelidades, por desejo de vingança, por ódio à sociedade actual.

Nem eu nem nenhum dos meus camaradas é comunista e revolucionário nesse sentido. Foi em consequência dum luta tenaz contra nós próprios, contra a nossa ignorância, o

nosso egoísmo, a nossa cobardia, foi depois destas conquistas sucessivas sobre nós próprios que nos tornámos comunistas e revolucionários. Reivindico altivamente este título. Se se trata dum crime, os senhores o julgarão. Mas se virem, como esperamos, que nós apenas usámos os nossos direitos, mais, que cumprimos o nosso dever de homens, o dever do homem que pensa, que tem ideias justas e generosas, e que julga dever expô-las, embora prejudique os seus interesses, julguem-nos em consequência. O nosso interesse estava em calar-nos. Eu, era fisionómico, em vésperas de reforma. Estava tranquilo e vivia feliz com os meus cinco filhos. O meu interesse dizia-me que me calasse. Mas vi, em minha consciência, que não tinha o direito de proceder assim, apesar das consequências que pudesssem resultar para mim. Abri portanto a boca e foi por ter cumprido este dever que me trouxeram aqui.

Chega a vez de Monnousseau. Ele é ferroviário, foi preso durante a greve ferroviária, foi preso durante a greve ferroviária, foi preso durante a greve ferroviária. Falei-lhe depois da greve ferroviária. Não é tal secretário do comité da III Internacional. Era secretário da greve ferroviária quando a greve Mai se declarou.

(Continua).

Coliseu dos Recreios HOJE -às 21 horas-HOJE

RECITA DA MODA—Estreia do rei da audácia portuguesa

DUARTE terminando com

TORPEDO HUMANO